

TIPOS DE LINKS

(AS ATIVIDADES PROPOSTAS APARECEM EM VERMELHO NO TEXO)

Enquanto para a informática, o hipertexto tenha trazido questões relativas ao tamanho ou “peso” do documento, velocidade, formas de acesso, armazenagem, etc., para os **estudos da linguagem** e da **educação**, ele nos fez pensar sobre questões de leitura e produção de hipertextos e de seus possíveis usos no ensino.

A possibilidade de interconectar documentos permite que eles sejam mais **sintéticos e enxutos** e que se *linkem* textos independentes entre si. A relação entre eles será feita pelo leitor, ao clicar nos **links**. Por isso os hipertextos são **não hierárquicos** e podem ser acessados sem que o leitor siga, necessariamente, uma ordem convencionalizada ou prefixada.

Essa **liberdade do leitor** traz consequências para a **leitura** e para a atribuição de sentidos, e também para o autor, posto que inserir links em palavras, imagens ou outros elementos do texto transforma o ato de escrever em algo bem mais complexo. Daí vem a importância de entendermos os **links como elementos fundamentais do hipertexto** e de conhecermos um pouco mais sobre os efeitos de sentido que sua presença ou ausência traz à leitura.

Links: elementos centrais do hipertexto

Os links são os elementos constitutivos do hipertexto. **Sem eles, o hipertexto é apenas texto**. Há diferentes tipos de links que, conforme o local onde são postos e as ligações que promovem, modificam, ampliam, induzem ou restringem sentidos.

Função retórica dos links

Conecte-se a algum site na internet não será difícil perceber que a simples presença dos links já exerce uma função discursiva bastante forte. O **Quadro 1**, abaixo, nos ajuda a perceber que os links, especialmente aqueles que visualmente já permitem ao leitor antecipar sua **função retórica** fazem mais do que conectar

Disciplina: *Elaboração de projetos e tecnologia educacional*. Hipertexto e gêneros digitais-UFAL/PROFLETRAS/2014 - Prof. Dr. Luiz F. Gomes. Material adaptado exclusivamente para esta aula, do livro: GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no Cotidiano Escolar**, Série Trabalhando Com. São Paulo, Cortez Editora, 2011. pp.51-60.

documentos de um hipertexto, eles acionam os esquemas interpretativos do leitor antes mesmo que o novo documento seja aberto e, dessa forma, atuam como argumentadores que fortalecem, explicam, exemplificam, justificam, etc. or argumentos do autor. Nesse caso, o leitor ficará com dois esquemas: um que já sendo construído e utilizado e aquele acionado para o segundo documento. A combinação desses dois esquemas produzirá sentidos como os mostrados no **Quadro 1**, abaixo. Assim, se o leitor clica num link chamado “exemplos” ele espera ver mais de um exemplo e também espera que os exemplos estejam no mesmo contexto do documento inicial e que sejam pertinentes e suficientemente esclarecedores. **Da mesma forma, o autor, ao “induzir” links ao leitor, fornece-lhe os vieses interpretativos que deseja.**

Algumas Funções Retóricas dos Links					
Ilustrar		Ampliar		Explicar	
	Modificar		Aprofundar		Comentar
		Restringir		Induzir	

Quadro 1- Algumas funções retóricas dos links

Se estivermos lendo uma **notícia**, digamos, sobre o trânsito, por exemplo, e clicar num um link de “comentário”, isso acionará **esquemas** que nos permitam lidar com outro tipo de texto, nesse caso, um texto que apresente um ponto de vista diferente e crítico em relação à notícia e que pode, inclusive, requerer o acionamento de certos conhecimentos prévios, pois o comentário pode remeter às eleições, à indústria automobilística, à construção de ferrovias, etc. A combinação dos comentários e a notícia lida gerará sentidos diferentes daqueles construídos sem a leitura dos comentários.

Função estrutural dos links

Os links podem exercer também uma **função estrutural**, ou seja, auxiliar o leitor a entender como o sistema hipertextual está estruturado, ao comporem índices, menus e seções do site, blog, etc. Observem que grande parte dos sites e blogs, por exemplo, têm basicamente a mesma estrutura e os mesmos nomes para

suas seções e links, por exemplo: fale conosco; saiba mais, contato, mapa do site, etc. **Devemos lembrar que mesmo na função estrutural, os links são retóricos e argumentativos.**

Tipos de links quanto à aparência

O **Quadro 2**, abaixo, mostra os tipos de links quanto à aparência. As quatro formas apresentadas são as mais comuns, e cada uma delas permite ao leitor fazer predições sobre os conteúdos que abrirão se clicadas. A aparência é, portanto, uma **função retórica também**. Veja-se, por exemplo, o ícone de uma impressora, a cor roxa indicativa de que o link já foi visitado pelo leitor, os botões que podem tornar os links mais visíveis e, portanto, mais “convitativos,” e as palavras que podem ser usadas como nomes de seções ou de comunidades, como o passarinho do Twitter, como verbos performáticos, como “curtir” ou “compartilhar”.

Principais Tipos de Links Quanto à Aparência			
Ícones	Cores	Palavras	botões

Quadro 2 - Principais tipos de links quanto à aparência

Pois bem, acabamos de ver a importância dos links tanto na seleção de caminhos de leitura, quanto na construção de sentidos, pois, dependendo de sua aparência e localização, os sentidos podem variar bastante. E, claro, percebemos também como os links ajudam a estruturar o próprio sistema hipertextual.

Vamos, agora, fazer algumas atividades práticas.

PROCEDIMENTOS INICIAIS

1- PESQUISA (a ser apresentada em 6/5)

Façam um esquema ou diagrama que revele a **estrutura básica do design do hipertexto** de um blog, portal ou site, à sua escolha.

VEJAM ESTE EXEMPLO:

No texto da Revista Superinteressante (abaixo) intitulado “[por que algumas músicas grudam na cabeça](#)”, se analisarmos apenas o primeiro parágrafo, que tem 10 linhas, veremos que há 5 palavras que atuam como links que abrem para listas de matérias publicadas pela revista e que podem ser acessadas no site, conforme se pode ver, abaixo:

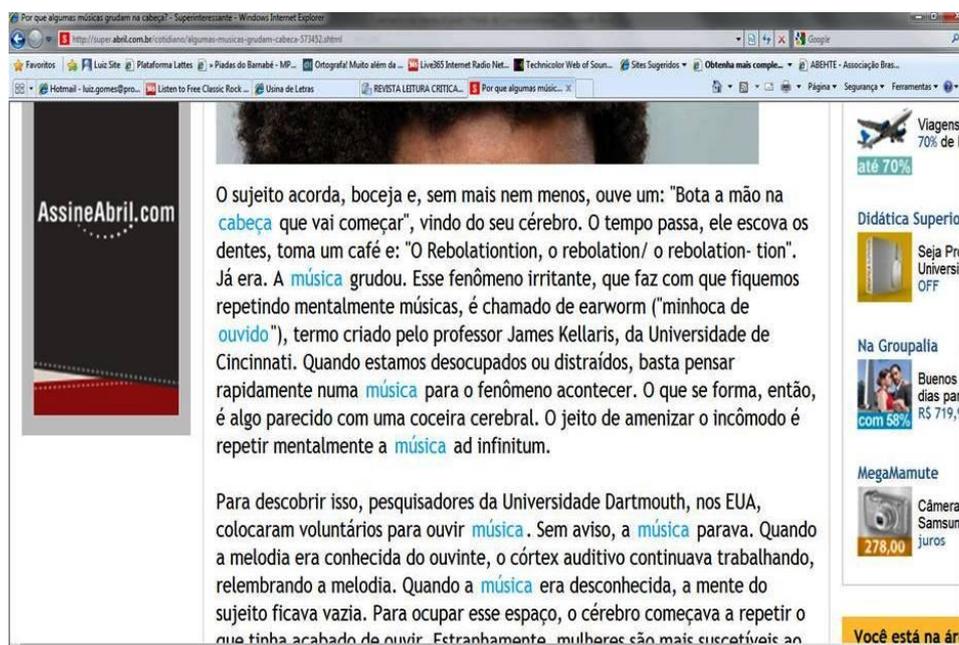


Figura 3 - Página: “por que algumas músicas grudam na cabeça”

Observem o primeiro parágrafo e as cinco palavras grifadas (links textuais):

“O sujeito acorda, boceja e, sem mais nem menos, ouve um: “Bota a mão na [cabeça](#) que vai começar”, vindo do seu cérebro. O tempo passa, ele escova os dentes, toma um café e: “O Rebolationtion, o rebolation/ o rebolation- tion”. Já era. A [música](#) grudou. Esse fenômeno irritante, que faz com que fiquemos repetindo mentalmente músicas, é chamado de earworm (“minhoca de [ouvido](#)”), termo criado pelo professor James Kellaris, da Universidade de Cincinnati. Quando estamos desocupados ou distraídos, basta pensar rapidamente numa [música](#) para o fenômeno acontecer. O que se forma, então, é algo parecido com uma coceira cerebral. Para ocupar esse espaço, o cérebro começava a repetir o que tinha acabado de ouvir. Estranhamente, mulheres são mais suscetíveis ao

cerebral. O jeito de amenizar o incômodo é repetir mentalmente a [música](#) ad infinitum.”

Clicando em cada um dos links, hoje, vocês obterão mais do que 9.603 resultados para o link “cabeça” (veja imagem abaixo), 39.165 resultados para “música” (que aparece 3 vezes no parágrafo) e 2.430 resultados para “ouvido”.

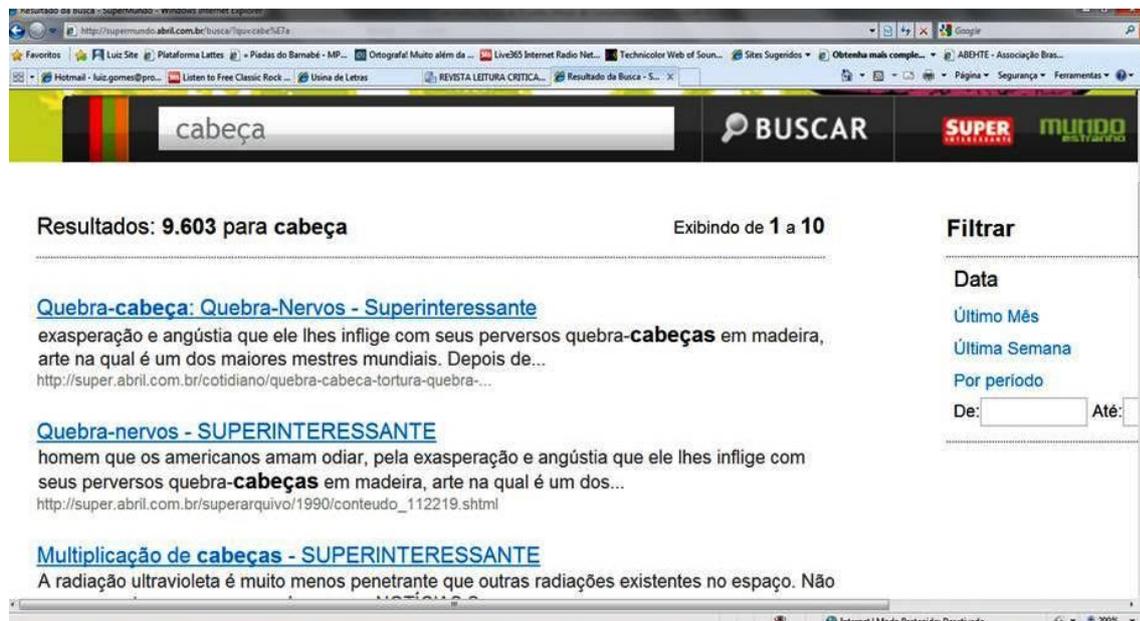
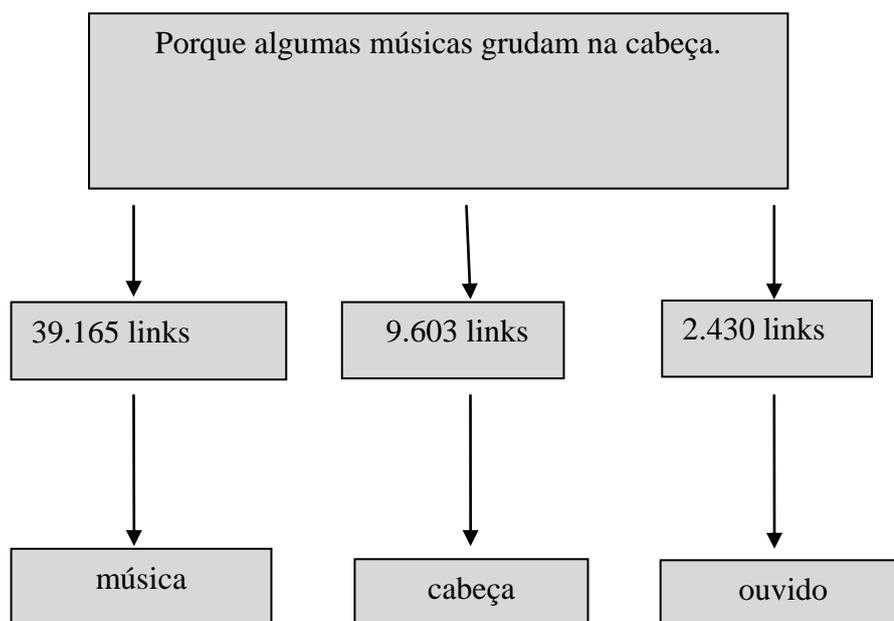


Figura 4 - Números de links para a palavra "cabeça "

Considerando que nenhum dos 9.603 documentos ligados ao termo “cabeça” oferece links que liguem os documentos entre si, ou mesmo para retorno à página de origem e que o mesmo se repete com as outras três palavras, concluímos que o hipertexto formado no site da revista Superinteressante, a partir do texto: “por que algumas músicas grudam na cabeça” é do tipo **hierárquico**.

O diagrama a ser elaborado vocês deverá corresponder à seguinte estrutura:



Temos, portanto, um texto inicial (acessado por meio de um link), “por que algumas músicas grudam na cabeça” e, abaixo dele, no diagrama, os 5 links, sendo que o link textual “música” se repete 3 vezes e os links “cabeça” e “ouvido”, cada um deles ligando a outros documentos, conforme os números mencionados acima.

2- PRODUZIR HIPERTEXTO EDUCACIONAL OU JORNALÍSTICO (a ser apresentado em 6/5 para a classe, com conteúdo à sua escolha)

Obs.: Não há limite para número de links.

Obs.: Aproveitem para linkar imagens, áudio e vídeo também!

Se quiserem pensar em outras possibilidades de uso do hipertexto na escola, aqui seguem algumas sugestões.

Outras possibilidades	1- As possibilidades são inúmeras: primeira página de jornal ou revista; página inicial (home page) sobre um tema, quadrinhos, por exemplo, com links para mais informações, etc.
	2- Solicitar produção de hipertextos de gêneros variados, tais como: entrevistas, textos de divulgação científica, manual de procedimentos, etc.
	3- Utilizar um poema ou crônica e colocar links em elementos de intertextualidade, realçando as relações entre os textos.
	4- Utilizar uma letra de música e colocar links em palavras que também apareçam em outras músicas.
	5- Um texto e explicitar, por meio de links, as relações intertextuais feitas pelo aluno autor do texto.
	6- As atividades com hipertexto trarão muitas reflexões sobre os modos de ler e de atribuir sentido às lexias (trechos de textos linkados) que poderão ser exploradas pelo professor, de inúmeras maneiras.

COMO INSERIR LINKS UTILIZANDO O WORD

Para inserir links em palavras num texto, clique na aba Inserir e, nela, em Links, conforme a tela abaixo:

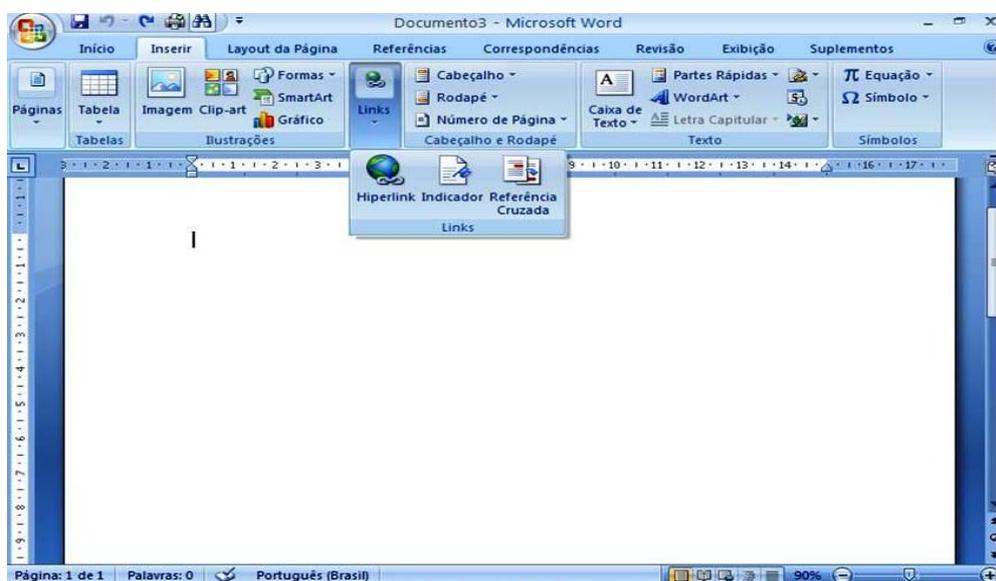


Figura 1 Tela inicial para inserção de links

a) Ao clicar em “Hiperlink”, aparecerá a seguinte tela:

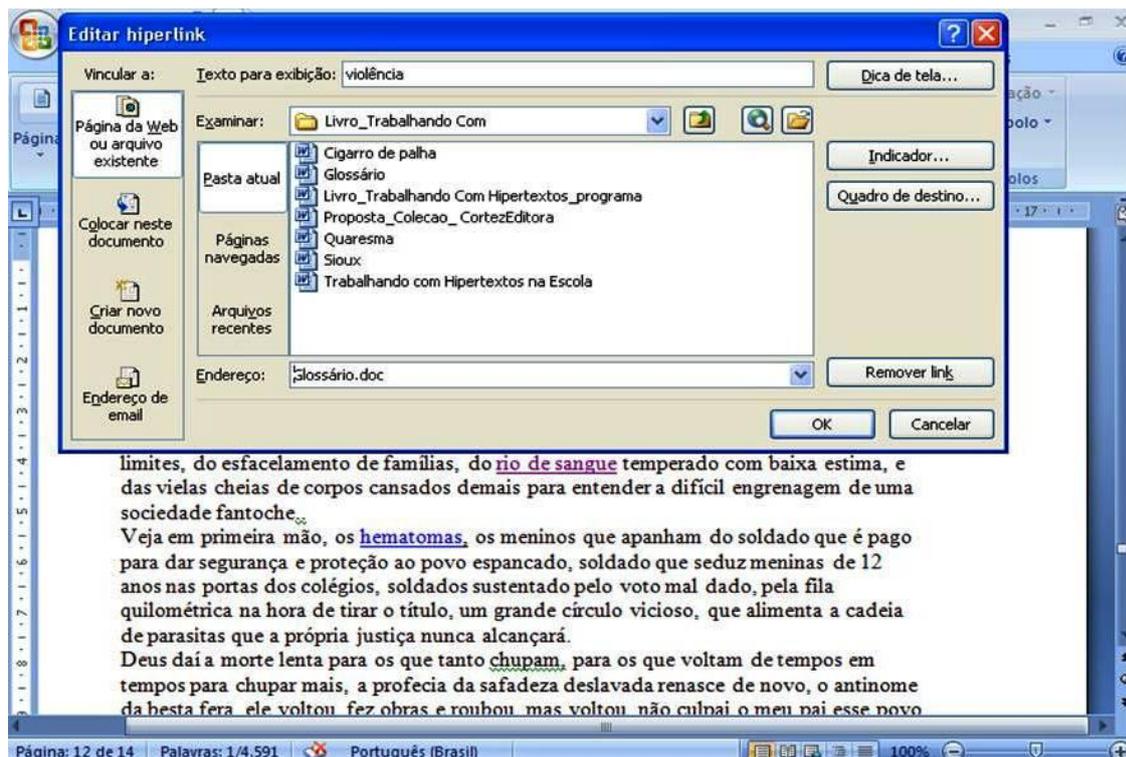


Figura2- Selecionando o endereço do link

Também é possível inserir links que levem do Word para um texto. Para isto, basta clicar na aba “Inserir” (ou com o botão direito do mouse) e clicar “Hiperlink”. Ao escrever a palavra do texto a ser linkada, (#hip, por exemplo) e clicar no gráfico, abre-se o arquivo com o cursor sobre a palavra escolhida (neste caso, “hip”).

Finalmente, outra boa opção de uso de hipertexto no ensino é a inserção de links em tabelas, onde cada célula é um link, conforme mostrado abaixo.

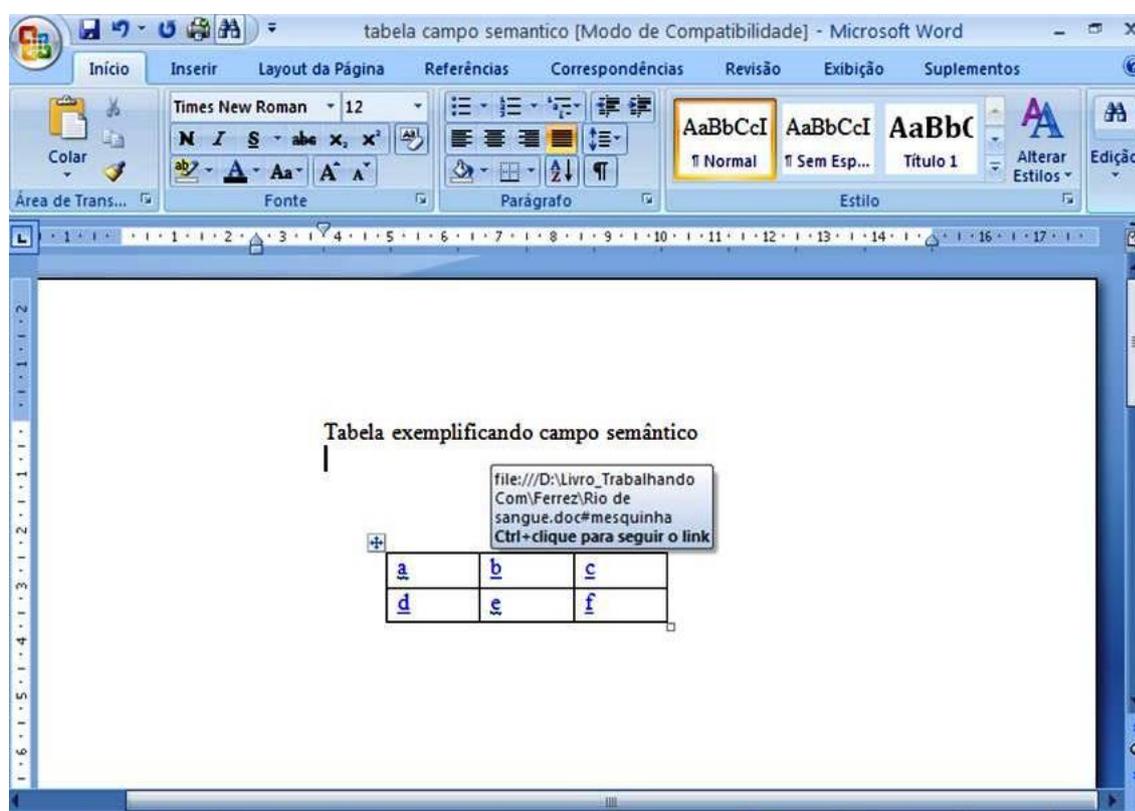


Figura 3 Uma opção de inserção de links em tabelas, onde cada célula é um link

UM POUCO MAIS SOBRE OS TIPOS E FUNÇÕES DOS LINKS

Além das funções retóricas dos links e das âncoras, podemos ainda classificar os links de acordo com seus tipos e funções. O levantamento feito por Trigg (1983) para sua tese de doutorado é um dos pioneiros na pesquisa sobre os tipos e classes de links e, talvez, seja até hoje o mais extenso e detalhado. Ele apresenta setenta e cinco tipos de links diferentes, que não irei detalhar neste trabalho, mas que nos dá uma ideia das funções retóricas dos links, especialmente em textos acadêmicos, que foram seu foco. No nível mais elevado, Trigg divide os links em dois tipos principais: links **normais** e links **de comentários**. Os links normais têm função retórica e são utilizados para conectar as lexias, de modo a especificar contexto, inserir argumentos, declarar teorias, sustentar argumentos e apresentar dados. Os links de comentário são, em sua maioria, links “opcionais”, isto é, trazem críticas e comentários e podem nem ser clicados na primeira leitura ou podem servir de caminho para a segunda leitura.

Rosenberg (1996), por seu lado, prefere chamar essas conexões de links **disjuntivos** (tipo “ou”) que quando clicados levam o leitor a outro ponto do sistema ou **conjuntivos** (tipo “e”) que abrem janelas tipo *pop-up* sobrepostas ao texto que estava sendo lido. Outro exemplo de link conjuntivo é aquele que, ao passar o *mouse* sobre alguns elementos da página, traz automaticamente novos textos à tela.

Outra diferenciação é dada por Storrer (2002, p.9), que divide os links em **internos e externos**.

Na *hyperweb (web)*, um grande número de hipertextos e de textos eletrônicos estão inter-relacionados. Em larga escala, a WWW pode ser considerada uma única teia; numa escala menor, a WWW pode ser subdividida em teias parciais, baseadas em seu assunto ou instituição (websites). Qualquer link nessas teias parciais pode ser classificado como interno ou externo: internos quando conectados a nós dentro do mesmo hiperdocumento ou dentro do mesmo *site*. Links externos encaminham para outros sites da *hyperweb*, cujo conteúdo está além do controle imediato do autor.

Keep, McLaughlin, & Parmar (2000), em seu site *The Electronic Labyrinth*, apresentam uma outra classificação dos links, na qual fazem uma distinção entre *tipos de links* e *classes de links*.

Há, segundo eles, vários tipos ou categorias de links. Os tipos de links diferenciam-nos visualmente, facilitando a navegação. Por exemplo, indicar link externo destacando a âncora em azul e o link interno com a âncora em vermelho, dessa forma, o leitor saberá que toda âncora azul representa um link externo e todo link interno será vermelho. Podem-se predefinir os tipos de links e como serão indicados pelas âncoras, disponibilizando uma legenda de forma que o leitor possa ter uma idéia do tipo de informação a ser obtida, caso selecione a âncora. Um problema para sua utilização seria a sobrecarga cognitiva, pois o leitor teria que recorrer à legenda sempre que esquecesse a função da âncora. Outro problema seria o grande número de tipos a serem criados e a dificuldade de se categorizar os diferentes tipos de *links*.

Quanto às classes, os links, os autores os classificam de acordo com suas quatro funções principais:

O link de **referência**: é o link típico do hipertexto. Quando selecionado, a lexia de destino aparece na tela, substituindo a imagem da lexia atual, como se virássemos a página de um livro. Ele pode ser uni- ou bidirecional e permite a criação de estruturas não hierárquicas.

O link de **nota**: é uma janela do tipo *pop-up* que não possui links a serem seguidos a partir dela e o leitor precisa fechá-la para continuar sua navegação. Seria o equivalente à nota de rodapé.

O link **de expansão**, quando acionado, o conteúdo da lexia de destino é expandido em linha com a âncora fonte. Essa técnica é utilizada para revelar ou esconder todas as ramificações de um documento; é o que Ted Nelson chamou de “texto estendido” (*stretched text*).

Existe ainda, segundo os autores, o link **de comando**, que é aquele que, ao ser selecionado, uma ação é realizada, como, por exemplo, abrir um novo programa.

Outra classificação dos links é oferecida por La Passardiere & Dufresne (apud EKLUND, 2006). Enquanto ferramentas de navegação, os autores dividem os links em três categorias: as **pontuais**, que indicam e promovem a passagem do leitor para outra lexia; as **estruturais**, que fornecem uma visão da posição relativa do leitor no hipertexto, como um mapa e as ferramentas **históricas**, que possibilitam

identificar os nós já acessados. Vemos que essa proposta amplia a classe dos links, de quatro para seis, pois, com exceção da pontual, as estruturais e a históricas não se acham incluídas na classificação de Keep, McLaughlin, & Parmar.

Kopak, em seu artigo *Functional Link Typing in Hypertext* (1999), faz um apanhado de vários estudos sobre os links. Ele comenta, por exemplo, o trabalho de Lisa Baron (1994), que propõe dividir os links em dois tipos: **organizacionais**, tais como índices, e informações “próxima página”, “página anterior” e os **de conteúdo** que tratam mais diretamente com relações específicas entre as lexias dentro de um hipertexto. A categoria link de conteúdo, Baron subdivide em três grupos de links: **semânticos**, **retóricos** e **pragmáticos**. Os links semânticos descrevem a relação ou associação entre as palavras ou conceitos, de três diferentes modos: similaridade, contraste e relação parte/todo. Os links retóricos introduzem definições, ilustrações e resumos. Já os links pragmáticos definem relações ligadas a resultados práticos, como, por exemplo, um aviso.

Outro autor mencionado por Kopak, é Parunak (1991), que sugere ainda outra categorização dos links, dividindo-os em três tipos: **associativos**, **agregadores** e **de revisão**. Os associativos são os mais comuns e podem relacionar uma palavra ou frase a uma proposição maior, geralmente para especificar-lhe o significado. Os links que ligam proposições entre si descrevem relações entre nós com conteúdo mais complexo e são divididos pelo autor em quatro categorias: links de orientação (localização, circunstância), de implicação (conexões lógicas), paráfrases (juntam proposições que contêm informações semelhantes, tais como sumários e resumos) e links ilustrativos, que ligam proposições diferentes que se esclarecem (comparação e contraste, por exemplo).

Em resumo, concordo com Kopak, quando ele diz que se entendemos o hipertexto como algo mais que uma coleção de simples associações, às vezes ambíguas, de pedaços de informações, então precisamos compreender os diversos tipos de links e suas relações. Para Kopak, os links são um meio de expressão do autor e também uma forma de orientar o leitor sobre o destino dos links.

Embora Kopak defenda a elaboração de uma taxionomia completa dos tipos de links e suas relações funcionais, a qual ele mesmo está realizando, a mim interessa para este trabalho definir uma categorização de links que seja suficiente

para orientar a elaboração das versões do material didático e para explicar as escolhas feitas. Vejo, do mesmo modo que Kopak, vários pontos em comum entre as tentativas de classificação apresentadas. Baron, como vimos, divide os links em duas grandes categorias: **organizacionais**, para índices, menus e informações “próxima página”, “página anterior”, “histórico”, revisão, etc.; e os **de conteúdo** que tratam mais diretamente com relações específicas entre as lexias dentro de um hipertexto. Essa categoria - link de conteúdo-, Baron subdivide em três grupos de links: **semânticos**, **retóricos** e **pragmáticos**. Aqui, eu preferiria dizer que os links de conteúdo têm sempre uma função retórica e que mesmo a função pragmática pode ser encarada como uma função retórica. Em outras palavras, todas as relações de conteúdo, num hipertexto, são retóricas, estão ligadas ao dizer, ao convencer, ao fazer ou ao “fazer fazer”, especialmente no contexto pedagógico. Os inúmeros modos de relacionamento entre as ideias (similaridade, contraste e relação parte/todo, expansão, nota, ilustrações, definições, resumos, etc.) somente são possíveis de determinar dentro de cada contexto específico, por isso, não vejo razão para enumerar essas relações, exaustivamente, como classes ou categorias, porém acho válido identificá-las e nomeá-las. Parece-me que ao elaborar as taxionomias e classificações, os autores partiram do que já existe na web em termos de links e passaram a categorizar. Para esta pesquisa foi importante conhecer essas taxionomias, mas ao elaborar as versões do material didático, pautei-me primordialmente pelas necessidades expressivas de cada parte do hipertexto e de suas lexias, mais do que por uma classificação pré-existente.

LINKS INDESEJÁVEIS E LINKS MALICIOSOS

Os estudos que buscam classificar os links e sua tipologia demandam sempre atualizações, pois estão sempre novos tipos de links e, dentre eles, aqueles que são indesejáveis, pois mesmo sem termos (aparentemente) clicado numa âncora, eles surgem na tela, como um pop-up ou mesmo abrindo janelas. Entram na categoria dos indesejáveis, também os links que anunciam uma informação ou serviço e carregam outra e ainda aqueles cujo ícone de fechar (x) funciona, ao contrário, ou seja, abre novas janelas.

Vejamos alguns exemplos:

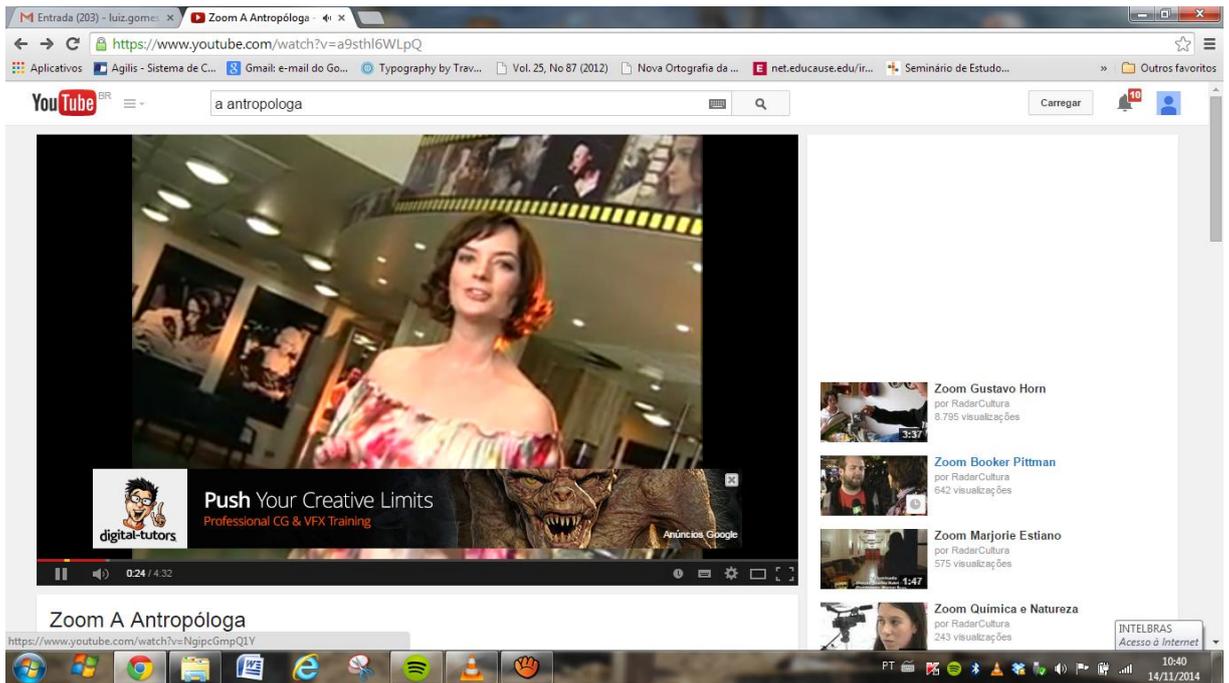


Figura 5 - Pou-up no rodapé da página surge sem ser clicado.



Figura 6- Neste caso, o pop-up aparece no meio do texto a ser lido, interferindo diretamente na leitura.

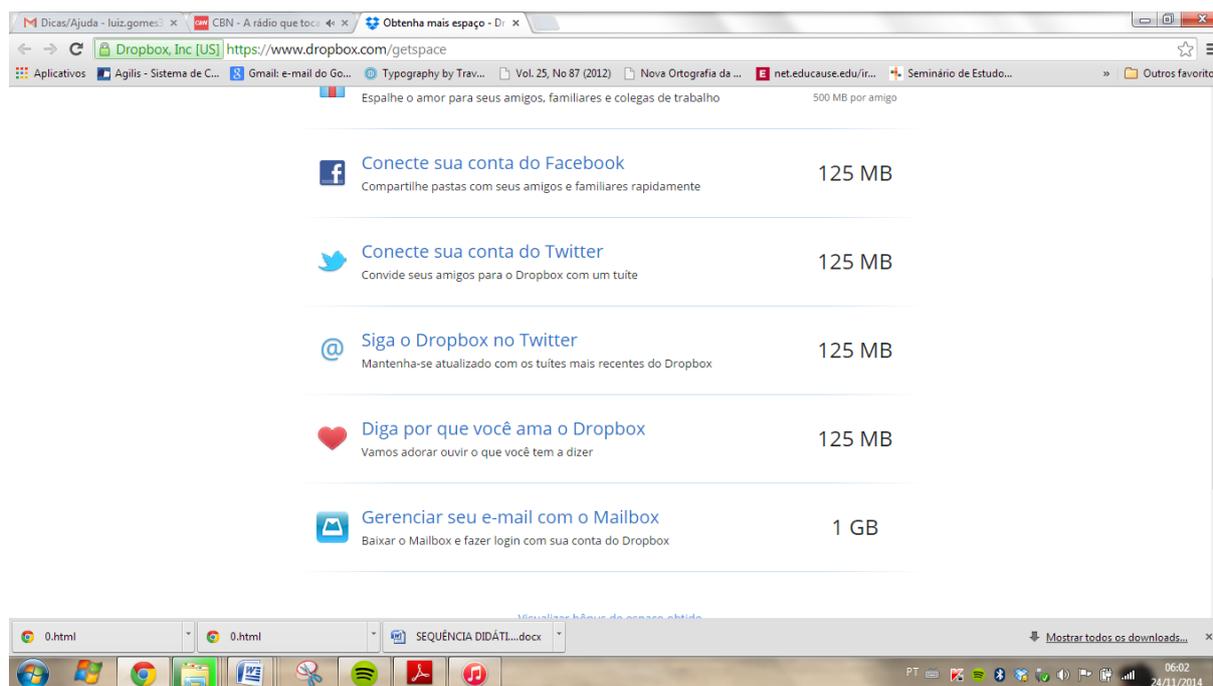


Figura 7- Mesmo não se tratando de link direto, o DropBox oferece espaço em seu disco virtual para cada ação minha na web.

3- PESQUISAR TIPOS DE LINKS DIFERENTES DOS QUE FORAM DISCUTIDOS NESSE MATERIAL, INCLUSIVE OS LINKS INDESEJÁVEIS. PROPOR NOVA CLASSIFICAÇÃO PARA ELES.

APRESENTAR À CLASSE, COM DATA SHOW EM 6/5/2015.